



## IMAGEM E HORROR: FOTOGRAFIAS DA LIBERTAÇÃO DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO NAZISTAS

**Palavras-chave: História Contemporânea e História, Tecnologias da Imagem, Nazismo e Holocausto**

**Talita Favrin de Souza**

**Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) - Unicamp**

**Profa. Dra. Cristina Meneguello**

**Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) – Unicamp**

### OBJETIVOS DA PESQUISA

Esta pesquisa teve como objetivo principal o estudo das fotografias da libertação dos campos de concentração nazistas pelos Aliados e publicadas pela revista estadunidense *Life* aos finais da Segunda Guerra Mundial. Sob a abordagem dos estudos em Cultura Visual, a pesquisa visou questionar elementos pertinentes à visualidade do Holocausto a partir dessas fotografias, bem como o papel que desempenharam na construção de uma memória visual coletiva do extermínio no Ocidente. A partir do conhecimento da produção e circulação das fotografias da libertação dos campos, buscou-se analisar uma sociedade que permitiu o acesso público às imagens explícitas de atrocidade. Além disso, objetivou-se ressaltar a importância da revista *Life* para a construção de um imaginário visual coletivo de um momento histórico marcante para o século XX, tanto a partir de suas publicações e seus impactos quanto através das ressignificações posteriores de suas fotografias.

Portanto, esta pesquisa não se limitou à análise de imagens enquanto elementos estáticos e independentes da realidade sociocultural, mas visou compreender os olhares que as produziram, contemplaram e ressignificaram como fenômenos dotados de historicidade.

### METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia da pesquisa foi composta por:

- 1) Aprofundamento bibliográfico: I) busca por textos significativos à área e tangentes à temática pesquisada; II) leitura aprofundada dos livros e artigos científicos coletados; III) leitura dos textos referenciados pelas obras acima que se demonstrarem pertinentes à esta pesquisa; IV) redação de fichamentos das obras mais significativas e/ou de maior complexidade de leitura e compreensão, de modo a facilitar a referência e a contraposição de argumentos de diferentes autores(as);
- 2) Análise de dados: I) coleta de fontes documentais secundárias pertinentes à análise, expressas em fotografias e periódicos; II) leitura e análise da matéria jornalística *Atrocities* publicada pela revista *Life* e as cartas dos leitores em edição posterior (*LIFE*, 28 mai. 1945, p. 2; p. 4); III) análise das fotografias não publicadas capturadas por fotógrafos da *Life* na libertação dos campos de concentração nazistas; IV) contraposição das fotos da revista *Life* a outras fotografias de mesmo referente.

Ambas as etapas teórico-metodológicas foram realizadas somente no âmbito virtual, tendo em vista as limitações causadas pela pandemia do COVID-19.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão bibliográfica deu-se através de seis principais autores: **ZELIZER (1998)**; **BRINK (2000)**; **SONTAG (2003)**; **HIRSCH (2008)**; **KEILBACH (2009)**; e **DIDI-HUBERMAN (2020)**.

- I. **ZELIZER (1998)** debate como a fotografia da libertação dos campos nazistas, enquanto testemunha da atrocidade, tornou-se o principal veículo discursivo na imprensa dos EUA e Inglaterra. Desse modo, tais fotos construíram uma memória coletiva do Holocausto no Ocidente, cujo impacto foi capaz de neutralizar a nossa habilidade de lidar com as atrocidades contemporâneas. Primeiramente, a autora elucida que a produção dessas fotos de atrocidade deram início à uma documentação do Holocausto. Nesse sentido, a fotografia foi utilizada pelo jornalismo como prova da realidade em sua máxima objetividade. A publicação dessas imagens extremamente sensíveis pode ser justificada, segundo Zelizer, devido à uma onda de descrença do público estadunidense na imprensa atrelada a uma necessidade de escancarar os crimes de guerra cometidos pelos seus adversários alemães. Por isso, sob o argumento de “ver para crer”, a publicação de imagens explícitas da violência sofrida pelas vítimas do extermínio foi possível. Num segundo momento, a autora destaca a dimensão da circulação das fotografias capturadas por fotojornalistas deste momento histórico. Além do compartilhamento interno deste material entre fotógrafos e diversos veículos da imprensa, essas imagens foram amplamente divulgadas por periódicos e, posteriormente, reutilizadas em outros veículos culturais, como na produção de filmes e livros. Tal uso excessivo deste repertório imagético para designar o Holocausto, ainda que mal referenciado, contribuiu para a formação de um imaginário coletivo, sobretudo visual, do extermínio;
- II. **BRINK (2000)** disserta sobre a transformação das fotografias da libertação dos campos de concentração nazistas capturadas pelos fotojornalistas estadunidenses em símbolos. Para isso, debate o conceito de “ícone”, relacionando tais fotos com a iconografia e o culto às imagens do cristianismo ortodoxo. Por essa via, quando essas fotografias “que fizeram história” tornaram-se símbolos devido às suas amplas circulação, referência, reutilização e reapropriação, condensaram em si fenômenos históricos complexos.



Fig. 1: Primeira página da matéria “Atrocities” publicada pela revista Life, em 7 mai. 1945 (p. 32)

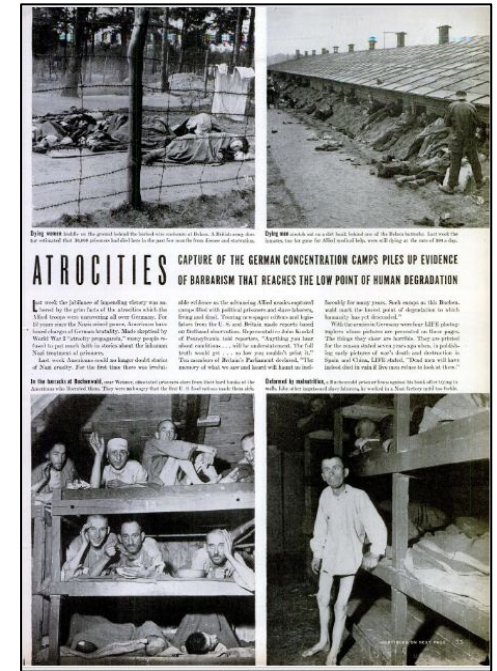


Fig. 2: Matéria “Atrocities” publicada pela revista Life, em 7 mai. 1945 (p. 33)

- Tamanha reprodução foi capaz de atravessar gerações, de modo a fazer com que essas fotografias sejam reconhecidas coletivamente e continuamente referenciadas em outros veículos visuais. Tais memorações, contudo, tornaram o Holocausto cada vez mais esvaziado de sentido ao passo que sua iconografia seja associada a uma única representação possível do extermínio;
- III. **SONTAG (2003)** reflete sobre a relação de proximidade que o Ocidente estabeleceu entre a fotografia, desde seus primórdios, e a guerra. Segundo a autora, a ampla produção e circulação de imagens de atrocidades, em geral, pode tornar os indivíduos insensíveis às tragédias. Mesmo assim, em um contexto em que tais imagens de atrocidade já existem, devem ser utilizadas para a mobilização pública, combatendo a indiferença às violências sofridas pelo outro. Além disso, tal como **Brink (2000)** disserta,

muitas dessas fotografias adquiriram um forte viés simbólico, de modo a sintetizar em poucos elementos visuais os conflitos que representam;

- IV. **HIRSCH (2008)** percebe a fotografia como um primeiro mediador de transmissão do trauma para a geração posterior do Holocausto, identificando a família como um importante agente construtor da memória. Dessa forma, a fotografia desempenhou a mediação entre a geração guardiã e a pós-geração do trauma, de modo a permitir o acesso à realidade capturada e, assim, possibilitar que o Holocausto fosse imaginado pela geração posterior. Além disso, a autora correlaciona os imbricamentos entre as memórias familiar e coletiva do Holocausto. Nesse sentido, mesmo as formas mais íntimas de transmissão do conhecimento do passado doloroso foi mediado por imagens e narrativas públicas, como as fotografias publicadas por revistas ilustradas. Assim, as narrativas particulares dos pais sobreviventes ao Holocausto foram complementadas por imagens públicas, de modo a fomentar uma nova forma de imaginar o extermínio pela geração posterior;
- V. **KEILBACH (2009)** argumenta que as fotografias da libertação dos campos não possuem valor de verdade histórica, pois representam metonimicamente os vestígios do Holocausto, não ele próprio. Nesse sentido, essas fotografias não deram conta de retratar todo o horror da Solução Final nos campos, apenas um momento posterior a ela. Mesmo assim, essas imagens ganharam um valor simbólico e seus componentes visuais são diretamente associados à pictorização do Holocausto em si e não à própria libertação;
- VI. **DIDI-HUBERMAN (2020)** defende, por outro lado, que o Holocausto seja imaginado apesar da falta de documentações precisas, sobretudo visuais. Visto que o extermínio propagado pelos nazistas teve como objetivo erradicar tanto a vida e seus vestígios materiais quanto às formas de registro do próprio extermínio, deve-se apoiar em toda documentação sobrevivente a fim de preservar a memória e impedir o desaparecimento total de suas vítimas no terreno da história.



*Fig. 3: Matéria "Atrocities" publicada pela revista Life, em 7 mai. 1945 (p. 34)*



*Fig. 4: Matéria "Atrocities" publicada pela revista Life, em 7 mai. 1945 (p. 35)*

Nesse sentido, em contraposição ao argumento de **Keilbach (2009)**, não se deve esperar que uma fotografia represente o real em sua totalidade, pois são apenas um fragmento de um instante da realidade e, portanto, passível de subjetividade. De nada adianta, assim, pensar em constituir uma história do Holocausto somente a partir de documentos precisos deste momento histórico, já que a ausência deste tipo de documentação é expressiva.

Visto os objetivos desta pesquisa em compreender como foi possível a ampla difusão de fotografias dos corpos das vítimas do extermínio e seu papel na consolidação de um imaginário coletivo do Holocausto no Ocidente, os principais resultados obtidos a partir da leitura da bibliografia e da análise de dados foram:

I. A produção e a ampla circulação das fotografias de atrocidade foram possíveis naquela época devido:

- A. à construção de um discurso político do pós-guerra em consonância ao *establishment* estadunidense, de modo a responsabilizar a nação inimiga, neste caso, a Alemanha nazista, pelos horrores da guerra. Sendo a revista *Life* extremamente alinhada ao *American Way of Life*, as fotografias da libertação dos campos que, por si só já possuem uma narrativa apelativa ao salvacionismo estadunidense, foram adequadas a um discurso nacionalista;
- B. à tentativa da imprensa estadunidense em recuperar a credibilidade do público em suas matérias jornalísticas. Para isso, utilizaram a fotografia como uma ferramenta para autenticar seu discurso. Nesse contexto, a imagem fotográfica apresentou-se como testemunha do horror. A publicação de imagens explícitas de corpos mortos e desfigurados por uma revista de grande renome como a *Life*, assim, demonstram certo consenso sócio-cultural;
- C. à intenção de expor os horrores da guerra à sociedade civil e às gerações posteriores através da fotografia, conferindo a ela os valores de objetividade e de documento.

II. Tais imagens, ao serem recicladas e reapropriadas de diversas formas pelas gerações posteriores, corroboraram para a construção de uma visualidade do Holocausto na memória coletiva ocidental. A rememoração dessas imagens contribuiu para transformar as fotografias capturadas por fotógrafos da *Life* em símbolos, ainda que não tenham o Holocausto como referente, mas um momento posterior ao extermínio e após a intervenção das tropas aliadas nos campos. Assim, pode-se dizer que tais imagens foram esvaziadas de sentido, ao passo que continuam a ser referenciadas como única representação visual possível do Holocausto.

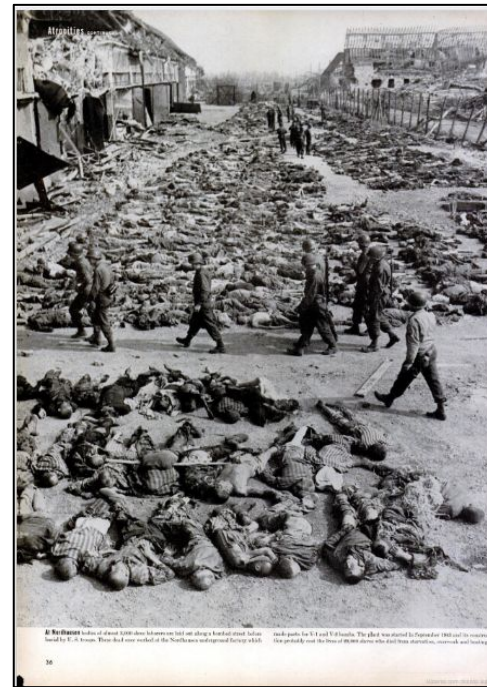


Fig. 5: Matéria “Atrocities” publicada pela revista *Life*, em 7 mai. 1945 (p. 36)

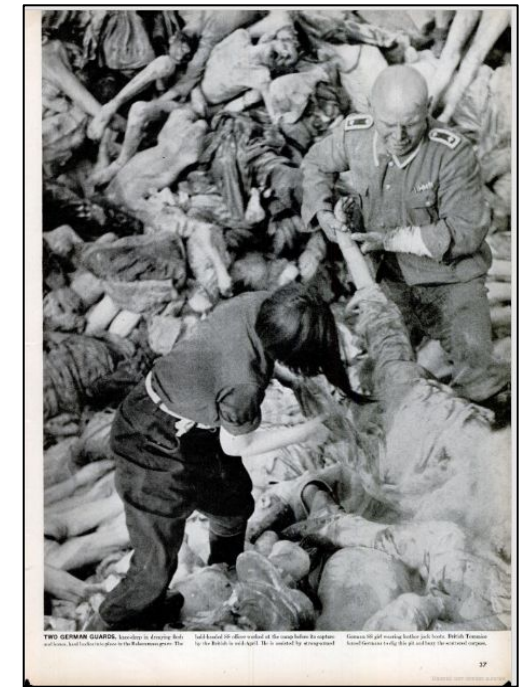


Fig. 6: Matéria “Atrocities” publicada pela revista *Life*, em 7 mai. 1945 (p. 37)

## CONCLUSÕES

As fotografias produzidas e publicadas pela revista *Life* da libertação dos campos de concentração nazistas foram, portanto, extremamente relevantes para a construção de uma história visual do Holocausto no Ocidente. Ainda que tais fotos tenham sido concebidas em um momento histórico posterior ao extermínio, cristalizaram-se enquanto símbolos visuais da experiência sofrida nos campos de concentração. Nesse sentido, imagens em preto e branco de pilhas de corpos mortos ou objetos pessoais das vítimas, sobreviventes magros e desnutridos atrás de arames farpados continuam sendo diretamente associados ao cotidiano nos campos.

Assim, essas imagens explícitas do sofrimento das vítimas, quando levadas à âmbito público através de sua publicação em periódicos, reconfiguraram o modo da sociedade estadunidense, e posteriormente ocidental, em imaginar o que foi o Holocausto.

Desse modo, o estudo destas fotografias pela historiografia demonstrou-se essencial não só devido à importância em abranger outras fontes documentais, como as visuais, para formular novas perguntas ao passado, mas de compreender como as sociedades contemporâneas lembram-se e constroem narrativas sobre um evento histórico marcante para o século XX. Sobretudo, à luz das reflexões trazidas por Sontag (2003), demonstrou-se imprescindível questionar sobre quais justificativas as imagens do sofrimento alheio foram divulgadas e reutilizadas inúmeras vezes por várias gerações.

## **BIBLIOGRAFIA**

- BRINK, Cornelia. Secular Icons: Looking at Photographs from Nazi Concentration Camps. *History and Memory*, v. 12, n. 1, 2000, pp. 135–150. Disponível em: <[www.jstor.org/stable/10.2979/his.2000.12.1.135](http://www.jstor.org/stable/10.2979/his.2000.12.1.135)>. Acesso em: 26 ago. 2021.
- DIDI-HUBERMAN, Imagens Apesar de Tudo. São Paulo: Editora 34, 2020.
- HIRSCH, Marianne. The Generation of Postmemory. *Poetics Today*, v. 29, n. 1, p. 103-128, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1215/03335372-2007-019>. Acesso em: 26 fev. 2021.
- KEILBACH, Judith. Photographs, Symbolic Images, and The Holocaust: On The (Im)Possibility Of Depicting Historical Truth. *History and Theory*, [s.l.], v. 48, n. 2, p.54-76, maio 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1468-2303.2009.00498.x>. Acesso em: 3 abr. 2020.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, p.11-36, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16519.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2020.
- SHNEER, David. Is Seeing Believing? Photographs, Eyewitness Testimony, and Evidence of the Holocaust. *East European Jewish Affairs*, v. 45, n. 1, p. 65-78, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/13501674.2015.968827>. Acesso em: 26 fev. 2021.
- SONTAG, Susan. *Diante da Dor Dos Outros*. Companhia das Letras, 2003.
- SOUZA, Talita F. de. Imagem e horror: fotografias da libertação dos campos de concentração nazistas. XIV Encontro de História da Arte, Campinas, 2019.
- ZELIZER, Barbie. *Remembering to forget: Holocaust Memory through the Camera's Eye*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.
- ZERWES, Erika Cazzonato. O humano e o desumano: cultura visual, cultura política e as imagens feitas por George Rodger e Henri Cartier-Bresson nos campos de concentração nazistas. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 17, n. 8, p. 06-28, jan. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/2175180308172016006>. Acesso em: 15 abr. 2020.